

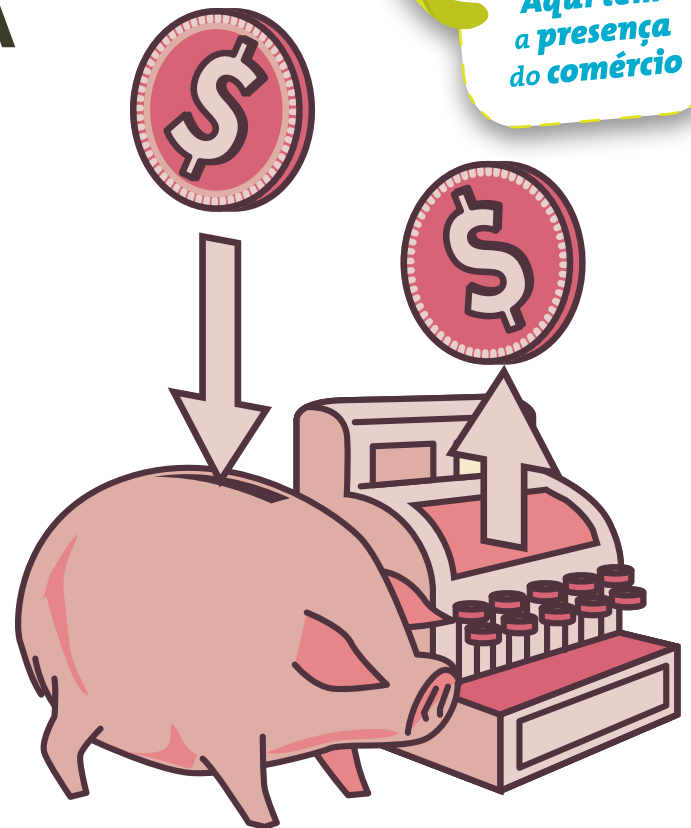
CAPTAÇÃO RECORDE NA POUPANÇA

**APLICAÇÃO MAIS POPULAR DO PAÍS RENDE
MENOS MAS CONTINUA A ATRAIR O INVESTIDOR**

Mesmo com a alteração na regra de remuneração da caderneta de poupança, a aplicação mais tradicional do País continua atraindo investidores. Em julho, a poupança registrou captação líquida recorde, de R\$ 8,252 bilhões. Volume 35% superior ao registrado no mesmo período de 2011. Com isso, os brasileiros têm R\$ 459,44 bilhões em cadernetas.

A migração de recursos dos fundos de investimento para a poupança é parte da justificativa para os recordes registrados, contudo, a manutenção dos bons níveis de emprego – com taxa de desocupação ao redor de 6% – e o incremento na massa real de rendimentos, ainda que em ritmo menos intenso do que aquele que vinha sendo registrado, são as principais justificativas para a grande atratividade da caderneta. Além disso, é comum que os consumidores fiquem mais cautelosos e poupem mais em momentos de incerteza, como acontece agora, frente ao cenário internacional.

Reforçando essa avaliação, a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (Anbima) divulgou que, nos últimos 30 dias, aplicações em fundos DI encolheram R\$ 3,1 bilhões, ao passo que as carteiras de renda fixa perderam R\$ 2,1 bilhões. A taxa de administração e a incidência do Imposto de Renda nesses fundos, diferentemente do que ocorre com a caderneta de poupança, reduzem a rentabilidade e atratividade desse tipo de investimento – fator que ajuda a tornar a poupança uma opção interessante.



FECOMERCIO SP

SESC
sescsp.org.br

Senac

Aqui tem
a presença
do comércio

pág. 02

MERCADO

Números mostram que economia
é uma ciência humana

28
50,9
14
3

pág. 03

REGULAÇÃO

Novas cédulas de R\$ 10 e R\$ 20 devem
dificultar a falsificação



pág. 04

FINANÇAS PESSOAIS

Juros baixos tornam investimento
em ações mais interessante



PROJEÇÃO OU ADIVINHAÇÃO?

NÚMEROS MOSTRAM QUE ECONOMIA É UMA CIÊNCIA HUMANA, NÃO EXATA, E POR ISSO PROJEÇÕES DEVEM SER ENCARADAS COM PARCIMÔNIA

As projeções podem gerar diversos problemas na economia, a começar pelos impactos nas decisões de investimento dos empresários. No fim de 2011, as projeções e as expectativas de crescimento para 2012 apontavam para um ano mais “sombrio” no Brasil, devido às turbulências internacionais decorrentes da crise na Europa, à desaceleração na China e aos problemas nos Estados Unidos. Essa percepção afetou a confiança dos empresários e suas decisões de investimento, tanto que a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) recuou 1,8% no primeiro trimestre deste ano em relação aos últimos três meses de 2011.

Contudo, as projeções não se concretizaram e as economias internacionais seguem enfraquecidas, embora estáveis. A desintegração europeia, como especulavam alguns economistas, não se concretizou e o Brasil começa a dar sinais de recuperação. Tudo indica que a economia fechará o ano com expansão acima de 1,8%, ao contrário do que vem apostando a maioria do mercado.

O desempenho do comércio e do mercado de trabalho dá respaldo a essa perspectiva mais positiva. Além disso, a maioria dos segmentos industriais parece estar com os estoques ajustados e a demanda interna – tanto para consumo quanto para investimento – em aceleração. Um bom exemplo é a prévia do Produto Interno Bruto (PIB), o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-BR), que cresceu 0,75% em junho – a maior elevação mensal desde março de 2011. A evolução da base monetária, detalhada no gráfico abaixo, também é um indicador antecedente importante da evolução da demanda interna.

O cenário atual é, claramente, um reflexo da rápida resposta que o governo tem dado aos sinais de enfraquecimento da economia. Somente neste ano, foram lançados pacotes de estímulos à indústria, de desoneração da folha de pagamento para 15 setores da economia e de prorrogação do Imposto de Produto Industrializado (IPI) para carros, eletrodomésticos e móveis, além dos cortes na taxa básica de juros – que recuou três pontos percentuais, chegando a 8% ao ano. Mais recentemente, o



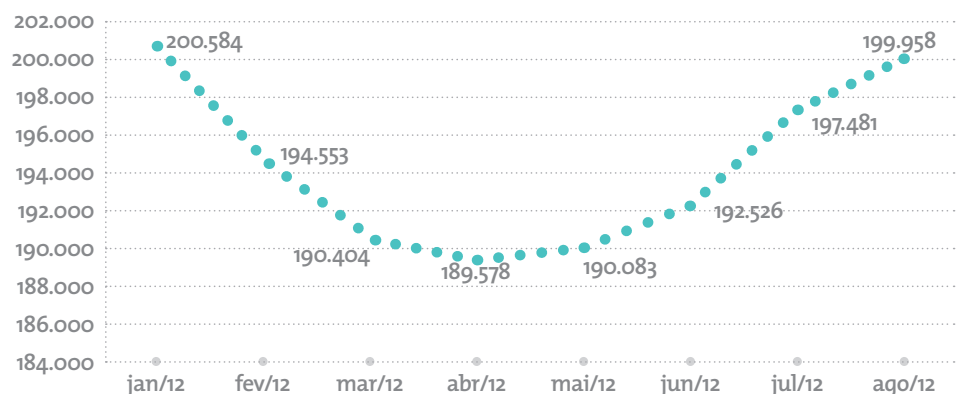
governo anunciou, também, um pacote de concessões de rodovias e ferrovias e o aumento do limite de endividamento em R\$ 42,2 bilhões para 17 estados do País, o que deverá gerar efeitos mais fortes sobre a atividade a partir de meados do próximo ano.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do comércio varejista acumula alta de 9,1% no primeiro semestre deste ano e de 9,5% nos últimos 12 meses. Se considerado o varejo ampliado, que inclui automóveis e material de construção, a expansão é ainda maior na taxa anualizada, chegando a 12,3%.

O mercado de trabalho com carteira assinada também vem respondendo aos estímulos do governo. Informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mostram que a geração de postos de trabalho com carteira assinada avançou 18,3% na comparação entre junho e julho, sendo que todos os setores expandiram seu nível de ocupação.

Enfim, os números mostram que as projeções devem ser comedidas e avaliadas com parcimônia, já que a economia é uma ciência humana, não exata. É impossível mensurar todas as variáveis, a começar pelo comportamento dos indivíduos.

BASE MONETÁRIA



Fonte: Banco Central / Agosto - média mensal até o dia 10



CÉDULAS NOVAS NO MERCADO

NOTAS DE R\$ 10 E R\$ 20 CHEGAM PARA AUMENTAR SEGURANÇA E DIFICULTAR FALSIFICAÇÃO

As novas cédulas de R\$ 10 e R\$ 20 entram em circulação no dia 23 de julho. As notas fazem parte da segunda família do Real, projeto lançado em 2010 com o objetivo de incorporar novas técnicas de segurança ao papel moeda, dificultando a ação de falsários. O projeto teve início com o lançamento das novas notas de R\$ 50 e R\$ 100, e deve ser concluído em 2013, com o lançamento das novas cédulas de R\$ 2 e R\$ 5.

Assim como as notas de R\$ 50 e R\$ 100, as novas cédulas seguem a lógica de tamanhos

diferenciados aliados às marcas táteis em relevo pronunciado para garantir acessibilidade aos portadores de deficiência visual. Além disso, as novas notas da segunda família do Real estão dotadas de recursos gráficos mais sofisticados que facilitam o reconhecimento de sua veracidade pela população.

A novidade das cédulas de R\$ 10 e R\$ 20 em relação às notas de R\$ 50 e R\$ 100, que já estão em circulação, é o número no canto direito, que parece mudar de cor, do azul para o verde, enquanto uma barra brilhante rola

sobre ele sempre que a nota é movimentada.

Concomitantemente ao lançamento das novas cédulas, as antigas estão sendo retiradas de circulação gradativamente, em decorrência de seu desgaste natural. Portanto, não há necessidade de procurar as instituições financeiras para trocar as cédulas atuais - que continuam válidas - pelas novas.

É possível conhecer mais detalhes sobre as novas notas no site do Banco Central do Brasil (BC). Acesse: www.novasnotas.bcb.gov.br



3º PRÊMIO
FECOMERCIO
de sustentabilidade

O MUNDO PRECISA
DE NOVAS IDEIAS.
VOCÊ TEM ALGUMA?



FECOMERCIO SP
Representa muito para você.

FUNDAÇÃO DOM CABRAL

FDC CDSV

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO
DA SUSTENTABILIDADE NO VAREJO

Para mudar hábitos e impactar a sociedade, a economia e o meio ambiente de maneira positiva, precisamos colocar novas ideias em prática. Se você pensa dessa maneira, participe do 3º Prêmio Fecomercio de Sustentabilidade, que vai destacar práticas e projetos realmente inovadores.

Inscrições abertas. Para mais informações, acesse: www.fecomercio.com.br/sustentabilidade

MUDANÇA DE PARADIGMA

JUROS BAIXOS ESTÃO TORNANDO O MERCADO DE AÇÕES MAIS INTERESSANTE PARA O PEQUENO INVESTIDOR

Durante muitos anos foi fácil aconselhar poupadores sobre qual a melhor aplicação para alocar seus recursos. O Brasil conviveu quase 20 anos com taxas de juros abusivamente elevadas, tanto em termos nominais quanto reais. Quem aplicou R\$ 1 milhão em CDI no início do plano real, quando a moeda brasileira era equivalente à americana, teria, hoje, algo próximo de R\$ 28,8 milhões. Descontando os impostos, o montante ficaria em R\$ 23,24 milhões. Um crescimento de quase 2.800% em 18 anos – valor dificilmente igualado por qualquer investimento. Esse período, entretanto, acabou.

Atualmente, a taxa básica de juros está em queda e, com isso, as aplicações em CDI estão rendendo de 0,6% a 0,7% ao mês. Menos de 8% ao ano. O patamar, quase sete vezes menor que a média histórica, é sintomático de um período de transição, certamente complicado para quem está pensando em investir o dinheiro poupado. Esses investidores precisam ter em mente que o complemento de renda “polpudo” que conseguiam no passado com CDBs e CDIs não é mais viável. Outras opções precisam ser consideradas e, neste novo paradigma, retornos mais expressivos devem vir acompanhados de riscos maiores. Exatamente como acontece em economias mais maduras.

O problema é que neste período de transição não existem, ainda, muitas opções para diversificação adequada de carteiras de pequeno e médio portes. E com isso os investimentos que as pessoas físicas e jurídicas de pequeno porte podem fazer ficam restritos a:

1. Renda Fixa, que continua a ser uma opção bastante segura, porém com rendimentos nominais mais baixos, sendo que, em termos reais, há meses em que as aplicações têm perdido para a inflação. A estimativa é que o retorno líquido real de CDBs e da caderneta de poupança seja inferior a 2% ao ano nos próximos meses. Além disso, comprar títulos de renda fixa de longo prazo pode ser arriscado, pois se os juros voltarem a subir em 2013, por exemplo, o valor dos títulos tende a cair;

2. Imóveis, que já não são tão interessantes quanto eram há quatro anos, dado que são ativos já muito valorizados e, portanto, têm pouca chance de apresentar uma evolução tão atrativa como a

do último período, quando o m^2 chegou a triplicar de preço – principalmente em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Investir no setor, agora, deve ser um processo muito mais analítico, com avaliação de taxa de retorno de aluguéis em relação ao preço do ativo, taxa de ocupação e risco de inadimplência de inquilinos, custo de manutenção e expectativa de valorização ou desvalorização nominal do imóvel. Uma conta complexa. Por outro lado, há fundos imobiliários que reduzem os custos desse processo de análise e, também, diminuem os riscos de baixa ocupação e de inadimplência por conta da diversificação do portfólio; e,

3. Ações, que neste momento parecem uma boa opção, principalmente frente ao rendimento das demais alternativas. O problema é que, apesar do Ibovespa parecer relativamente barato, abaixo de 60 mil pontos, o retorno dessas aplicações depende muito do humor do mercado, principalmente para quem escolhe ações para especular com seu preço e não para obter dividendos de longo prazo. Nesses casos, o humor do mercado é decisivo, e muito vinculado a acontecimentos externos como a situação da Europa.



Assim, uma boa opção é fazer uma migração lenta para ações. O mercado imobiliário também pode ser uma alternativa, mas com aplicações em fundos oferecidos por bancos e não na aquisição de novos imóveis. De forma geral, aplicar recursos na poupança será mais complicado e, quase sempre, menos rentável. O outro lado da moeda é que os ativos reais tendem a se valorizar, principalmente aqueles que fazem parte do processo produtivo no país. A troca parece justa, pois o Brasil sempre foi considerado o país dos juros altos, que privilegiava especuladores e rentistas e punia os empresários. Agora o jogo está se invertendo e deve ficar mais fácil produzir e mais difícil viver de especulação.

ECONOMIX **FECOMERCIO SP**
Representa muito para você.

PRÉSIDENTE: ABRAM SZAJMAN

DIRETOR EXECUTIVO: ANTONIO CARLOS BORGES

COLABORAÇÃO: ASSESSORIA TÉCNICA

COORDENAÇÃO EDITORIAL E PRODUÇÃO:

FISCHER2 INDÚSTRIA CRIATIVA

EDITOR CHEFE: JANDER RAMON

EDITORA EXECUTIVA: SELMA PANAZZO

PROJETO GRÁFICO E ARTE: TUTU

FALE COM A GENTE: ECONOMIX@FECOMERCIO.COM.BR

RUA DR. PLÍNIO BARRETO, 285 - BELA VISTA - 01313-020

SÃO PAULO - SP - WWW.FECOMERCIO.COM.BR